

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

ANÁLISE TEÓRICA SOBRE EDUCAÇÃO NA OBRA DE PIERRE BOURDIEU¹ **THEORETICAL ANALYSIS ON EDUCATION IN THE WORK OF PIERRE** **BOURDIEU**

Alisson Vercelino Beerbaum², Eva Teresinha De Oliveira Boff³

¹ Pesquisa realizada junto as atividades como mestrando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI.

³ Professora Dra. do Departamento de Ciências da Vida/ UNIJUI, Orientadora

INTRODUÇÃO

A contribuição do filósofo e sociólogo francês *Pierre Bourdieu* aborda várias questões sociais e propõe teorias relevantes sobre a humanidade contemporânea. Com elevada complexidade teórica, trabalha conceitos de habitus, campo, capital, dominação, distinção e violência simbólica. O autor define sólidas conceituações sobre dominação e relações de poder e força em conflitos sociais, apontando questionamentos e inconsistências para discutir teoricamente a luta de classes, desvelando sua orientação marxista.

Bourdieu opina que a classe teórica não é efetivamente mobilizada e vê no economicismo um grave reducionismo da realidade. Assim, o autor não se propõe a romper com o objetivismo, viés que refuta as lutas simbólicas e parte da generalização do capital aos âmbitos econômico, social, cultural, etc. Assim, o autor amplia a concepção marxista de capital, afirmando que o termo não se refere apenas ao acúmulo de bens, mas à valoração arbitrária de qualquer recurso ou poder que se manifesta em uma atividade social.

Neste prisma, é decisiva para o autor a compreensão dos diversos capitais, como o capital cultural, ou seja, os saberes reconhecidos por diplomas e títulos, e o capital social, das relações pessoais que se tornam recursos de dominação. Ou seja, *Bourdieu* propõe a visão sobre os capitais simbólicos que determinam a valoração individual no grupo social. Assim, afirma que as desigualdades sociais são resultado pela limitação ao acesso não apenas de recursos econômicos, mas também no acesso a bens simbólicos, como o capital cultural.

A partir da visão de *Max Weber*, *Bourdieu* desenvolve a dimensão simbólica de representação, sentido conferido pelos agentes em suas ações. Também desenvolve a noção de legitimidade, ou seja, o reconhecimento coletivo de algum valor pelos agentes, também chamada de qualidade de adesão. Tais conceitos são empregados na compreensão da dominação social e de sua produção e manutenção. Já embasado em *Émile Durkheim*, *Bourdieu* aborda a cientificidade da sociologia, buscando identificar as “leis objetivas” que guiam a realidade social em sua aparente desordem.

A educação, aqui objeto de discussão, não está isenta de motivações externas, cabendo considerar a representação do Estado na escola e sua influência nas ações dos agentes que atuam nos âmbitos administrativos e pedagógicos. Portanto, aqui se almeja a reflexão da educação básica a partir da teoria bourdiana, em uma proposição da escola como reprodutora legitimada da dominância estrutural através da violência simbólica. Para tanto metodologicamente a presente

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

escrita se estrutura-se através da revisão bibliográfica das obras “*A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*” e “*Escritos de Educação*”.

O LUGAR DA EDUCAÇÃO

Em sua completa análise das relações sociais, *Bourdieu* desenvolveu relevantes reflexões sociológicas que criticam as estruturas sociais. Afirma que o papel do sociólogo, pesquisador atento às interlocuções sociais, é desvendar as estruturas sociais, identificando traços invisíveis ao senso comum.

Deste modo, o autor elabora um sistema teórico que demonstra que as condições de participação social dos indivíduos são determinadas pela *herança social*, reiterada ciclicamente pelo que chama de estrutura estruturante da sociedade. Tal estrutura estruturante é formada nas relações estabelecidas pelas ações dos indivíduos ao valorarem bens simbólicos, como a educação, através da externalização de ações e pensamentos individuais.

Para compreender os conceitos de *habitus* e de *campo*, é preciso compreender a interdependência entre eles. *Campo*, para *Bourdieu* é o espaço da dominação e dos conflitos, como os campos jornalístico, literário, educacional, etc. Cada campo tem certa autonomia, suas próprias regras de hierarquização. Dentro dos campos, os indivíduos atuam na amplitude do *capital social* que detêm.

Pela teoria praxiológica, que foge ao determinismo da prática, se pressupõe que sujeito e sociedade tem uma relação dialética, entre o *habitus individual* e a estrutura de um *campo coletivo*. Neste aspecto, as ações individuais não produto da relação entre o *habitus* e os estímulos externos. A partir do *habitus* os indivíduos marcam suas trajetórias pessoais e reproduzem socialmente a si próprios. Tal reprodução sofre interferência dos agentes e das instituições, preservando a adesão dos indivíduos aos limites da *dominação simbólica*. O *habitus*, importante conceito da teoria bourdiana, é a função que a coletividade determina ao indivíduo, sua posição social. *Habitus* se refere ao estilo de vida, aos julgamentos políticos, morais e estéticos, às ações estratégicas individuais e coletivas. (BOURDIEU, 2014).

O *capital cultural* é outro conceito sobre escolaridade trabalhado por *Bourdieu* que é importante ao presente trabalho. Se refere às técnicas e simbologias que o sujeito adquire no meio social e que dizem respeito ao progresso humano, como diplomas, conhecimentos gerais, artes, etc. O *capital cultural* não se confunde com o *capital econômico* nem com o *capital social* (BOURDIEU, 2014).

Bourdieu afirma que o sucesso dos indivíduos na vida escolar é diretamente proporcional à erudição de suas práticas culturais. O autor procurou demonstrar em pesquisa empírica a relação entre o nível de cultura e as desigualdades na escola. Para ele, a escola pressupõe competências que são adquiridas na família, no meio social específico do indivíduo, seu *habitus*. O autor busca compreender os mecanismos implícitos que permitem a aceitação tácita das representações de ideias dominadoras burguesas. Para ele, esta *violência simbólica* é produzida pelas instituições e seus agentes no exercício da autoridade, e a primeira dessas instituições com a qual os indivíduos tem contato é a escola. O ambiente da escola, com suas regras, valores e padrões de comportamento, revela a *violência simbólica* burguesa atuante nas classes dominadas.

Conteúdos, programas, metodologias de trabalho e avaliação, relações pedagógicas e práticas linguísticas podem agir de forma a perpetuar a *violência simbólica* na escola. Essa onipresença

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

também explica a adesão dos dominados à cultura imposta, implicando aceitação tácita das regras morais, sanções, e práticas linguísticas.

O *capital social* é o conjunto de recursos e potencialidades derivado da rede de relações institucionalizadas entre os indivíduos, que implica conhecimentos e reconhecimentos. É a vinculação do indivíduo ao grupo de agentes, coletividade que compartilha características e ligações úteis. Essas ligações são irredutíveis às relações objetivas de proximidade nos espaços geográfico, econômico e social, posto que se fundamentam em trocas materiais e simbólicas cuja perpetuação depende do reconhecimento dos indivíduos ante o grupo.

A rede de relações não é, contudo, um dado natural, como é o grupo familiar biológico. O *capital social* é produto da perpetuação de relações interpessoais estruturantes que visam a manutenção da tradição material e simbólica. É produto de estratégias de investimento social consistente e ideologicamente orientado para a sedimentação do reconhecimento, do respeito, da amizade, dentre outros valores, mas também são perpetuados pelas garantias institucionalizadas, como os direitos, no sistema de trocas que o autor destaca no excerto a seguir.

A troca transforma as coisas trocadas em signos de reconhecimento e, mediante o reconhecimento mútuo e o reconhecimento da inclusão no grupo que ela implica, produz o grupo e determina ao mesmo tempo os seus limites, isto é, os limites além dos quais a troca constitutiva, comércio, comensalidade, casamento, não pode ocorrer. Cada membro do grupo encontra-se assim instituído como guardião dos limites do grupo (BOURDIEU, 2015, p. 68).

Bourdieu afirma que o capital cultural pode subsistir na realidade escolar em três estados: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado. O *capital cultural* incorporado é o que parte do próprio indivíduo, é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e se tornou parte da pessoa, um habitus. Este capital somente pode ser transmitido inconscientemente, ou seja, “*não pode ser acumulado para além das capacidades de apropriação de um agente singular; depaupera e morre com seu portador, com suas capacidades biológicas, sua memória, etc.*” (BOURDIEU, 2015, p. 75).

O *capital cultural objetivado* tem a forma de bens culturais, artísticos, literários, linguísticos, técnicos, etc., e detém certas propriedades que transcendem a relação do sujeito com o capital cultural incorporado, ou seja, não dizem respeito apenas a si:

O capital cultural no estado objetivado apresenta-se com todas as aparências de um universo autônomo e coerente que, apesar de ser o produto da ação histórica, tem suas próprias leis, transcendentais às vontades individuais, e que permanece irredutível, por isso mesmo, àquilo que cada agente ou mesmo o conjunto dos agentes pode se apropriar (BOURDIEU, 2015, p. 78).

O *capital cultural objetivado* somente pode existir, para Bourdieu, com a condição de que seja utilizado pelo corpo social como instrumento da produção cultural, na medida do capital cultural incorporado de cada um:

É preciso não esquecer, todavia, que ele só existe e subsiste como capital ativo e

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

atuante, de forma material e simbólica, na condição de ser apropriado pelos agentes e utilizado como arma e objeto às lutas que se travam no campo da produção cultural (campo artístico, científico, etc.) e, para além desses, no campo das classes sociais, onde os agentes obtêm benefícios proporcionais ao domínio que possuem desse capital objetivado, portanto, na medida de seu capital incorporado (BOURDIEU, 2015, p. 78).

Por fim, o *capital cultural institucionalizado* confere ao capital cultural propriedades inteiramente originais, como valor econômico:

Ao conferir ao capital cultural possuído por determinado agente um reconhecimento institucional, o certificado escolar permite, além disso, a comparação entre os diplomados e, até mesmo, sua 'permuta' (substituindo-os uns pelos outros na sucessão); permite também estabelecer taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar (BOURDIEU, 2015, p. 79).

Se falando em valor econômico, *Bourdieu* distingue três estratégias de investimento em educação que são utilizadas pelos grupos sociais distintos. A classe popular, pobre em *capitais econômico e cultural*, tende a investir de modo moderado em educação, devido à naturalização do baixo desempenho e da percepção de impossibilidade de ascensão dos seus pares. A incerteza do retorno e a dificuldade de visualizar o longo prazo elevam o risco do investimento, havendo prioridade nas necessidades imediatas, como ingressar cedo no mercado de trabalho e adquirir qualificações. Assim, *Bourdieu* justifica que tais famílias não reproduzam a sistemática da vida escolar (BOURDIEU, 2014).

A classe média, que *Bourdieu* chama de pequena burguesia, investem sistematicamente em educação, posto que partem de chances moderadas de sucesso escolar e de condições frente aos riscos do investimento. *Bourdieu* ressalta que as expectativas, além das condições, são determinantes nos investimentos em educação da classe média que, comumente, ascendeu da classe popular por meio da escolarização. Isto implica a expectativa de ascender novamente à classe imediatamente superior, conduta que envolve certas privações propositais em vistas de possibilitar novas condições no futuro.

A classe média também apresenta como característica o controle de natalidade, concentrando os recursos em poucos indivíduos. É notável que a expectativa de ascensão social é característica da classe média em grau maior do que se observa na classe popular. Entre os estratos hierárquicos dentro da classe média, os superiores, que detêm capitais culturais e econômicos, não priorizam a educação tanto quanto os estratos mais baixos, que detêm, sobretudo, capital cultural. Assim, o investimento em educação está relacionado com a estratégia de ascensão, e os grupos com expectativas de ascender depositam maior investimento em educação (BOURDIEU, 2014). Por fim, quanto à classe dominante, a elite econômica, parte de grande investimento em educação, sem, contudo, haver inculcação de grandes expectativas, posto serem indivíduos livres da luta social, que não dependem diretamente da educação para manter sua posição dominante.

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

Seu sucesso escolar é naturalizado na ausência de esforço e mobilização familiar, e a improbabilidade de fracasso é fundamentada, sobretudo, nos capitais acumulados à disposição.

Quanto aos capitais das elites, *Bourdieu* contrasta os maiores detentores de capital cultural e os maiores detentores de capital econômico quanto aos investimentos em educação. Os primeiros tendem a investir de forma robusta em educação, buscando a solidez do conhecimento institucionalizado no sistema de ensino. Os últimos, tendem a buscar na escolarização um requisito básico para legitimar seu acesso à posição dominante que lhe decorre e é garantida de nascimento.

CONCLUSÃO

A presente escrita buscou discutir os conceitos centrais abordados na sociologia de Pierre Bourdieu contributivos à educação, pois, sua produção oferece elementos para compreender o papel das instituições escolares na organização social do Estado. Parte da compreensão bourdiana de que as instituições escolares são reprodutoras de práticas sociais com mecanismos de produção e manutenção próprios e que são característicos da nossa sociedade. Sendo esta sociedade profundamente desigual, suas instituições escolares reproduzem a cultura determinada como superior e incontestável pela minoria dominante. Neste contexto, após as análises de Bourdieu, pensar e analisar a escola como um construto, meramente estruturado pelas diferenças naturais pelos indivíduos que o compõem, torna-se impossível um vez que seus pressupostos causam uma ruptura frente a ideologia dominante de dom, ou seja, contrapõem-se a moralidade do mérito individual no sucesso escolar, econômico etc. As limitações de análise da abordagem bourdiana revela-se ao passo em que se busca a compreensão de objetos de pesquisa específicos, como por exemplo, (famílias, indivíduos, escolas e professores específicos). Em adição, sua maior contribuição contrasta-se com a fragilidade supracitada, pois Bourdieu estabelece um quadro macrosociológico para análise entre os sistemas escolares e a estrutura social. Todavia, esta contribuição carece de detalhamentos, fazendo-se imperativo em trabalhos futuros um esmerado estudo acerca dos processos de constituição e aplicação do conceito de habitus, da mesma forma com que é imperativo um olhar mais amplo acerca dos conceitos de poder e seus desdobramentos nas diferenças sociais e escolares.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu; Referencial Teórico; Educação Básica; Violência Simbólica; Reprodução Cultural.

Keywords: Pierre Bourdieu; Theoretical referential; Basic education; Symbolic violence; Cultural Reproduction.

REFERÊNCIAS

BORDIEU, Pierre, PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria de ensino**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

BORDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2015.